

A comunidade portuguesa de Macau: integração e língua de acolhimento

The Portuguese community of Macao: integration and host language

Branco, Inês (2017). A comunidade portuguesa de Macau: integração e língua de acolhimento. *Daxiyangguo – Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos*. Nº 22. Instituto do Oriente, Unidade de Investigação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. ISCSP. Lisboa. <http://ioriente.iscsp.utl.pt/concluidos/itemlist/category/58-n-22>

Inês Branco

Professora auxiliar convidada do Departamento de Línguas Literaturas e Culturas (DLLC) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. branco.ines@gmail.com

Resumo:

Esta pesquisa foca-se na comunidade imigrante portuguesa de Macau. Analisa a importância de saber a língua de acolhimento durante o processo de integração. Assenta na teoria dos usos e gratificações dos média (Katz, Blumler, & Gurevitch, 1974), no modelo de estratégias de aculturação (Berry & Sam, 2001, 2006) e na teoria do poder e da prática (Bourdieu, 1991), especificamente no que diz respeito ao poder simbólico da língua. Foram realizadas 29 entrevistas em profundidade, com posterior análise de conteúdo individual e transversal. Concluímos que, de entre as estratégias de aculturação, a comunidade adota a integração, ainda que limitada pelo fraco conhecimento da língua de acolhimento, o cantonês. A posse de um conhecimento técnico distinto revelou-se mais importante, enquanto capital social, neste processo.

Palavras-chave: *imigração, integração, língua de acolhimento*

Abstract:

This research focuses on the Portuguese community living in Macao. It analyses the importance of knowing the host language in the integration process. It is theoretically based on the model of uses and gratifications of media (Katz & Blumler, 1974), on the model of acculturation strategies (Berry & Sam, 2001, 2006) and in the theory of power and practice (Bourdieu, 1991), specifically regarding the symbolic power of language. The methodological approach implied 29 in-depth interviews, with subsequent individual and transverse content analysis. We concluded that, among the acculturation strategies, the community adopts integration, although limited by the weak knowledge of the host language, Cantonese. The possession of a distinct technical knowledge had proved to be more important, as a social capital, in this process.

Keywords: *immigration, integration, host language*

Em Macau, segundo os dados mais atuais do Observatório da Emigração (OE) português¹ relativos a 2011, nascidas em Portugal existiam 1.835 pessoas (0,3 por cento da população de Macau). Com nacionalidade portuguesa, o que não implica terem migrado ou nascido em Portugal, existiam 5.020 pessoas (0,9 por cento da população de Macau).

Como se pode observar no quadro 1, o número de estrangeiros nascidos em Portugal, ou seja, de imigrantes portugueses, na perspetiva de Macau, teve uma queda entre 1996 e 2006. A partir de 2006 começou novamente a aumentar.

Quadro 1. Evolução da População residente em Macau, 1991-2011

	1991	1996	2001	2006	2011
População total	355.693	414.128	435.235	502.113	552.503
População nascida no estrangeiro	212.996	231.652	244.096	288.879	326.376
% de população nascida no estrangeiro	60%	56%	56%	58%	59%
População nascida em Portugal	3.625	3.852	1.616	1.316	1.835
% de população nascida em Portugal	1.02%	0.93%	0.37%	0.26%	0.33%
População com nacionalidade portuguesa	101.245	112.706	8.793	8.593	5.020
% de população com nacionalidade portuguesa	28.46%	27.22%	2.02%	1.71%	0.91%

Fonte: Observatório da emigração português.

Relativamente à divisão por sexo e grupo etário, em 2011, dos 1.835 portugueses nascidos em Portugal e a residir em Macau, 1.105 eram homens e 730 eram mulheres. O grupo etário mais representativo era o dos 40 aos 64 anos, com um peso de 43 por cento no total e com muito mais homens do que mulheres (62,4% de homens). Logo a seguir, o grupo com mais peso é o dos 25 aos 39 anos, representando 36 por cento do total. Neste, a distribuição entre homens e mulheres é mais equilibrada (52% de homens e 48% de mulheres).

Abordagem metodológica

Começámos por definir o guião da entrevista, dividindo-o em três grupos: 1) Informação biográfica e perfil sociodemográfico; 2) Experiência migratória; 3) Perceção de identidade: integração e cultura. À semelhança do que é feito em estudos qualitativos com recurso ao método de entrevista em profundidade, semidiretiva, a melhor opção foi a amostragem

¹ Observatório da Emigração. Disponível em: <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/paises.html?id=147> (data da consulta: 27/01/2017)

intencional, ou de conveniência, teoricamente sustentada. Não se pretendeu fornecer dados estatísticos ou verdades absolutas sobre a comunidade, mas sim conhecê-la melhor e contribuir para uma base de informação que permita a realização de outros estudos, quer sobre a mesma comunidade quer sobre outras.

Procurámos contemplar, na construção da amostra, os critérios que julgámos poderem fazer variar o tipo de respostas e encontrar uma diversidade de perfis suficiente para oferecer diversas perspetivas da comunidade. A partir daqui estabelecemos as combinações únicas possíveis de variáveis, de modo a apurar quantas entrevistas seria necessário realizar.

Em primeiro lugar, foi necessário delimitar o que se entende nesta pesquisa por *comunidade portuguesa*. Nesta amostra incluímos apenas os cidadãos nascidos em Portugal, ou eventualmente nalguma ex-colónia, com passaporte português, que tivessem vivido em Portugal e que tivessem de facto migrado para Macau.

Relativamente à divisão por *sexo*, optámos por dividir a amostra em 50 por cento homens e 50 por cento mulheres, tendo em conta os dados estatísticos desta comunidade.

Quanto à *idade*, focámo-nos em indivíduos adultos e decidimos não alargar demasiado as faixas, optando por dividir os entrevistados por décadas: inferior a 30 anos, entre 30 e 40 anos, 40 a 50 anos e superior a 50 anos.

Por fim, a última variável foi a *data de chegada a Macau*. Tendo em conta os dois acontecimentos da história recente que mais marcaram a comunidade portuguesa de Macau – a entrega do território à China, em 1999, e a crise em Portugal, que começou sensivelmente em 2008 – optámos pela divisão em: “chegada antes de 1999”, “chegada depois de 1999” e “foi e voltou”. Esta última categoria, contempla, sobretudo, pessoas que saíram de Macau por volta de 1999, mas que acabariam por regressar ao território, quer pela ligação afetiva ao território quer por terem ficado desempregadas devido à crise.

Em resumo, as variáveis foram: sexo (duas opções), idade (quatro opções), data de chegada (três opções). Chegamos, desta forma, às 24 combinações diferentes possíveis. Para angariação dos entrevistados foi utilizado o método “bola de neve”, em que através de um contacto se conseguiram outros. Embora tenhamos construído uma amostra teoricamente sustentada, com perfis únicos, com a utilização deste método, corremos o risco de os entrevistados poderem possuir histórias algo semelhantes, o que foi agravado pelo facto de a comunidade ser pequena e de os grupos, ou redes de contacto dentro dela, se intersectarem. Pela mesma razão, acabámos por realizar mais do que uma entrevista para cada perfil,

chegando às 29. As entrevistas foram realizadas em maio e junho de 2013. Foram gravadas em suporte áudio e tiveram a duração média de 49 minutos.

Conclusões

O conceito de *estratégia de integração* que adotamos na nossa pesquisa tem por base o modelo de estratégias de aculturação de Berry & Sam (2001, 2008) e implica um desejo por parte dos indivíduos de manterem e afirmarem os seus laços com o país e a cultura de origem e, simultaneamente, um desejo de conhecerem, participarem e serem reconhecidos pela sociedade de acolhimento. A *língua de acolhimento* surge como um elemento crucial. O seu conhecimento poderá facilitar a participação na nova sociedade, mas o seu desconhecimento poderá constituir uma barreira a uma boa adaptação, tornando os imigrantes mais dependentes e mais vulneráveis (Grosso, Tavares, & Tavares, 2008, p. 5). Seguindo Bourdieu (1991), um imigrante, ao aprender a língua de acolhimento, adquire uma forma de *capital social*, neste caso o *capital linguístico*, que lhe permite ter melhores condições para se mover dentro da sociedade que o acolhe. Quanto maior for este seu capital, mais apto estará para explorar o sistema de diferenças em seu próprio proveito e assegurar um *capital de distinção*. Neste âmbito, procurámos saber não só “que” média são usados, mas também “como” são usados.

“O uso dos média não deve ser encarado como consumo em sentido restrito, mas também como prática, ou seja, não basta perguntar que produtos se consomem, mas também é preciso considerar como e com quem são consumidos. Ignorar a articulação dos média com a comunicação face-a-face resulta num mediacentrismo fatal para a compreensão das identidades étnicas, dado o papel que os círculos de interação têm na definição de pertenças.” (Carvalho, 2008, p. 57)

Os imigrantes têm as suas motivações próprias e procuram a satisfação de necessidades específicas e que, conseqüentemente, estão envolvidos no processo de efeitos produzidos por pelos média (Katz, Blumler, & Gurevitch, 1974), daí que tivéssemos explorado também o seu papel no processo de integração e de aprendizagem da língua.

Dividimos as conclusões em três partes: 1) Percursos migratórios; 2) Integração e (re)construção identitária, em que consideramos a preservação da cultura de origem e a adaptação à cultura de acolhimento; 3) A importância da língua de acolhimento na integração.

No final, apresentamos a lista de entrevistados por ordem alfabética.

1. Percursos migratórios

1.1. Macau porque...

As principais motivações para a escolha de Macau como destino dos imigrantes portugueses dividem-se em pessoais e profissionais. Entre as motivações pessoais está a reunificação familiar. Neste caso, encontramos apenas mulheres que o tivessem feito. O companheiro, marido ou namorado já residia ou iria viver em Macau, normalmente por razões profissionais, e a pessoa em causa acompanhou-o. De seguida, a facilidade com que conseguiram encontrar emprego na região, especialmente devido às qualificações, permitiu-lhes permanecer no território.

“Porque casei e a pessoa com quem casei estava cá. Entretanto, arranjei trabalho cá logo passado 15 dias. Na altura não tinha terminado Direito, mas comecei logo a trabalhar numa área relacionada com o Direito. Depois fui a Portugal terminar.” (F.C.)

Entre as razões profissionais, estão o facto de a pessoa já ter tido uma experiência internacional e não desejar regressar a Portugal ou ter obtido uma proposta de trabalho em Macau. Para os imigrantes que trabalhavam em Portugal numa instituição pública, a possibilidade de manterem o cargo em Portugal para quando regressassem foi um aliciente forte, já que lhes deu segurança.

“Não tínhamos nada a perder, porque tínhamos lugar no quadro em Portugal e se viéssemos trabalhar para Macau, o tempo de serviço feito em Macau contava para a carreira de Portugal e quando pretendêssemos voltar para Portugal, teríamos assegurado o nosso lugar no quadro e é uma situação muito confortável.” (E.D.)

A crise em Portugal marcou em particular os imigrantes mais recentes. Uns estavam desempregados e procuraram uma oportunidade e outros, mesmo estando empregados, receberam uma proposta mais atraente em Macau, quer em termos de desafio profissional quer em termos de remuneração. Muitas vezes as motivações profissionais mesclam-se com as pessoais. Além de ser um desafio profissional, trata-se também de uma oportunidade para conhecer uma nova cultura. Em ambos os casos, a escolha da região pode ter sido por já terem vivido anteriormente ali e, conseqüentemente, ser um território em que previsivelmente teriam uma maior facilidade de adaptação; por terem amigos ou família no território, que lhes facultariam alojamento numa primeira fase; ou por terem sido estes a “abrir-lhes as portas” a uma nova oportunidade profissional.

“Experimentei o que era *não* trabalhar e viver em Portugal e decidi que queria estar cá fora, é a relação com uma cultura totalmente diferente, é estimulante, e também porque em Portugal não conseguia emprego. Portanto, já estava a ser complicado quando eu vim embora, já não estava a conseguir emprego, a expectativa de carreira não era bem aquilo que eu queria, porque era tudo estágios ou contratos de curta duração e não me davam estabilidade e eu estava à procura de uma certa estabilidade, que consegui, mais ou menos na Ásia.” (B.R.)

Entre os que saíram do território e depois regressaram, há a considerar os que chegaram pela primeira vez após 1999 e os que chegaram antes de 1999 e regressaram após 1999. Nos casos dos imigrantes que chegaram a Macau depois de 1999, as principais razões para uma saída são a saturação ou o cansaço sentidos e o sentimento de claustrofobia que sentiam em Macau. Trata-se de um território com uma pequena dimensão geográfica, em que a comunidade portuguesa, embora tendo crescido nos últimos anos, representa apenas 0,3 por cento da população. O término dos contratos e as saudades de Portugal são outras razões. Após um período fora, as oportunidades profissionais são a principal motivação para o regresso.

“Precisei de sair daqui um bocadinho para «tomar banho», não é, e para me sentir longe de tudo isto e porque é bom sair daqui, porque isto é muito formatador, formata as pessoas, a maneira de agires, de olhares, de reagires, e é doentio nesse sentido.” (P.C.)

No caso dos imigrantes que chegaram antes de 1999, o principal motivo para a saída foi o *handover*. O sentimento de instabilidade que se criou no território antes de 1999, mesmo que sem grande fundamento, levou muitos portugueses a regressar a Portugal. Outras das razões foi o facto de muitos dos imigrantes que vieram para Macau antes de 1999 serem ainda crianças na época. Ao terminarem o ensino secundário, optaram por fazer uma licenciatura em Portugal. A crise em Portugal é o principal motivo para um regresso ao território.

“É a segunda vez que estou em Macau, vim para trabalhar. Estive cá entre 1995 e 1999, vim através de um acordo Portugal-China, fui requisitado e vim para cá trabalhar. Voltei novamente em 2012, devido à crise que estava iminente em Portugal, respondendo a um convite, que me foi endereçado em 2010/2011 pela Ordem dos Médicos.” (S.G.)

1.2. Quando cheguei a Macau...

A maioria dos entrevistados não possuía uma ideia clara do que era Macau até desembarcar no território. Os que chegaram antes de 1999 possuíam uma ideia muito remota, construída

através dos livros da escola, ou então uma visão quase que romântica de um sítio exótico do Oriente. Com o célebre “caso Melancia”² e com a cerimónia de transferência para a China, Macau ganhou mais visibilidade a partir do final dos anos 1990.

“A imagem mais recente que tinha de Macau foi a da transição, porque vi na BBC a cerimónia de transição. Tinha uma imagem da primária (...) e mais tarde, tinha aquela imagem que foi feita nos anos 90, de corrupção, do caso Melancia, do fax, da TDM.” (P.C.)

O conhecimento sobre Macau não se revelou importante entre os entrevistados na sua decisão de imigrarem. Alguns chegaram a Macau sem terem procurado informação e conhecendo praticamente nada sobre a região. Para os que procuraram, uma das principais fontes de informação sobre o território foram os amigos e a família já residentes. No entanto, como salienta A.I., essa imagem por mais detalhadamente que possa ser descrita, dificilmente consegue abarcar os pormenores que só quem conhece o território pode perceber.

“Vinha com pequenas ideias, porque falava com o meu pai pelo Skype e ele contava, vinha com algumas ideias, mas, lá está, como eu costumo também dizer aos meus colegas portugueses, uma pessoa pode dar mil e um exemplos de Macau, mas só quem cá está é que consegue reparar em tudo o que Macau envolve” (A.I.)

Os cheiros peculiares, os sons, a dinâmica da cidade e o clima são as principais características de Macau, que tiveram um maior ou menor impacto, mais positivo ou mais negativo, na primeira aproximação ao território. Para alguns a visão romântica de um Macau exótico desmoronou-se logo à chegada. A proximidade com Portugal quer através da arquitetura quer através do número de portugueses, que antes de 1999 era maior, são outros elementos que marcaram logo no início os entrevistados.

“Vim encontrar uma cidade muito engraçada, porque tinha muitos portugueses (...) Ao mesmo tempo tinha um cheiro muito peculiar, porque não havia ainda os tratamentos que existem hoje, esgotos, recolha de lixo.” (F.C.)

2. Integração e (re)construção identitária

Em todos os imigrantes existe um interesse tanto na manutenção da sua cultura original como nas interações diárias com outros grupos; desejam manter um certo grau de integridade cultural, enquanto procuram participar como parte integrante da rede social mais abrangente.

² http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=759636

Na sua construção identitária enquanto indivíduos procuram afirmar elementos pertencentes à sua cultura de origem e à nova cultura de destino.

2.1. Ponte com a família e amigos

Em Portugal, e também noutros países, os imigrantes têm família e amigos. A distância em relação à família no país de origem é sentida, sobretudo, quando algum evento especial acontece e em que não se pode estar presente. S.P., imigrante há dezoito anos em Macau, refere o facto de neste tempo todo nunca ter celebrado o aniversário da mãe presencialmente. A relação que se constrói no dia-a-dia com família e amigos não é possível manter quando se está longe. O receio que alguns imigrantes referem é de que estas relações afetivas não resistam à distância, em especial com os amigos.

“As pessoas com quem me dou ou com quem me dava antes de vir, se, entretanto, tiverem passado dez anos, não deixam de ser amigos, não deixamos de ter alguma cumplicidade, mas faz muita diferença, porque há uma vida diária, sobre aquela notícia naquele jornal, aquele café daquela pastelaria, aquele caixote do lixo que não sei o quê, aquele autocarro não sei que mais. Isso escapa. Essas coisinhas também fazem parte da vida, da partilha entre pessoas, de comunidade e eu acho que, se viver cá muito tempo, há de haver um corte e eu outro dia estava a pensar nisso. Isso é uma coisa que me entristece, porque é quase assustador, porque tenho bons amigos”. (G.J.)

Verificou-se entre os entrevistados que, no que respeita aos afetos, funciona uma espécie de “sistema de compensações”, compensa-se o que se perde com o que se ganha. Este balanço foi genericamente positivo. Por exemplo, se não podem estar tantas vezes como gostariam com a família, passam a dar mais valor aos momentos em que podem estar juntos. A solidão que se pode sentir, especialmente no início do processo de adaptação à sociedade de acolhimento, é também compensada pelo crescimento pessoal. Quando colocados perante uma situação adversa, os imigrantes aprendem a lidar com ela. O facto de serem obrigados a saírem da zona de conforto afetivo que possuíam no país de origem leva a um processo de aprendizagem só possível nestas condições. É o que refere G.J.:

“Sinto que em Macau, e já não é de agora, aprendi a estar sozinho e a não ter medo da solidão (...) ainda que sinta diferença [quando regressar] (...) ainda que não voltemos a estar exatamente no estado em que estávamos, com certeza que continuaremos a ser amigos (...) Os afetos são a coisa mais importante (...) é isso que acho de maravilhoso na vida, e isso é uma das coisas por que não me assusta envelhecer, é que quanto mais velho sou, mais rico sou, porque eu coleciono pessoas.” (G.J.)

Para manterem o contacto com a família e com os amigos, os imigrantes entrevistados usam o telefone, fixo ou móvel, e a Internet. Utilizada como veículo de interação, abrange aplicações concebidas para este fim, que podem correr em diversas plataformas, como computadores pessoais, *tablets* ou *smartphones*. As redes sociais também são utilizadas como meio de receber e de dar informação, pela possibilidade de colocação de fotografias, de comentários e de mensagens que oferecem. A mais mencionada é o Facebook. Os *e-mails* continuam também a ser utilizados, muitas vezes em substituição da tradicional carta, embora em certas ocasiões festivas alguns imigrantes não abdicuem deste meio.

“Por telefone, uma coisa fixa estes anos todos é que ao domingo é dia de falar com os pais. Agora a minha mãe, há uns meses, aderiu à Internet, anda contentíssima e então utilizamos o Skype, que é uma alegria, porque podemos nos ver. Agora já não se utiliza muito as cartas (...) nas ocasiões festivas não há nada que substitua a carta e eu dou muita importância às datas, portanto quando é para celebrar uma data é por carta.” (S.P.)

O telefone fixo continua a ser utilizado. Em Portugal e em Macau existem atualmente pacotes promocionais das empresas de telecomunicações que incluem serviços de televisão, Internet e telefone a preços mais acessíveis, mas a maioria já substituiu completamente o uso do telefone pelo Skype, que além de ser mais barato, tem imagem. O facto de quer esta aplicação quer outras como o Viber³, o Facetime⁴ ou o Whatsapp⁵ poderem ser utilizadas nos *smartphones* também amplia a sua utilização. Todas estas possibilidades, como observa A.I., fazem com que as distâncias hoje sejam, cada vez mais, encurtadas.

“Hoje em dia a distância é uma coisa tão irrealista, o meu pai já chegou a ir numa quinta-feira a Portugal e voltar no domingo (...) com o Viber, com o Skype, com o Facebook, a distância é mesmo uma coisa muito irreal.” (A.I.)

2.2. Relação com Portugal

“Nós temos sempre uma ligação com Portugal, porque no fim de contas tu estás num café, inevitavelmente falamos de política, do que se passa com o governo, sobre um programa que tenha acontecido, sobre um prémio de um poeta ou porque a Joana Vasconcelos vai expor aqui e acolá. Os portugueses aqui nunca perdem contacto, é impossível.” (F.C.)

³ <http://www.viber.com/>

⁴ <https://www.apple.com/pt/ios/facetime/>

⁵ <http://www.whatsapp.com/>

Como faz notar F.C., é difícil perder a ligação a Portugal quando se está em Macau. Porém, por mais que alguns dos imigrantes entrevistados se sintam em Macau quase como se estivessem em Portugal, ao falar do seu país referem elementos ambientais, culturais e afetivos que não são passíveis de ser replicados na região que os acolhe.

Após vários anos de imigração, como acontece no caso de G.D., há 12 anos em Macau, a parte da sua identidade que a liga a Portugal começa a separar-se daquilo que é a sua vida atualmente, fazendo com que sintam ter já duas vidas, uma anterior a Macau e outra que construiu, entretanto.

“Tenho saudades da minha vida lá. Parecem partes da minha vida que está completamente separada, sítios que gostava muito em Portugal, acesso mais fácil a coisas que me identifico, quer locais, coisas tão simples como ir comer uma tosta mista e beber um café, que aqui em Macau não se encontra em cada esquina.” (G.D.)

Para se informarem sobre o país de origem, utilizam os jornais de Macau, em língua portuguesa, e os jornais de Portugal; a televisão de Macau em português (TDM), a televisão de Portugal (RTP Internacional); rádio e blogues. A Internet aliada a estes três meios – imprensa, televisão e rádio – e a possibilidade de esta correr em diferentes suportes – computadores, telemóveis e *tablets* - torna mais poderosa a divulgação de informação.

Quanto aos jornais de Macau em português, os mais lidos são a *Tribuna de Macau*, o *Ponto Final* e o *Hoje Macau*. São sobretudo utilizados para obter informação sobre Macau, mas também têm as principais notícias sobre Portugal.

“Temos três jornais portugueses (...) pelo menos um deles gosto de ler”. (A.I.)

As revistas e os jornais de Portugal, diários e semanários, são lidos na Internet, tanto por assinatura como nos respetivos *sites*. Os que dizem lê-los, fazem-no por procurar manter em Macau alguns hábitos de leitura que tinham em Portugal e para se manterem atualizados sobre o que acontece no país. Além disto, como na televisão nem sempre é possível descodificar toda a informação, tentam desenvolvê-la através dos jornais. Os mais referidos são o *Público*, o semanário *Expresso*, o *Diário de Notícias* e o *Correio da Manhã*.

“Na Internet vejo o *Público*, *Correio da Manhã*, um bocado o *Expresso*, mas quase nada, muito pouco (...) são diários e estão muito centrados no que se passa em Lisboa e pronto eu sou de Lisboa e então logo aí é o que eu escolho, e depois porque o *Público* em termos fotográficos é muito bom. O *Correio da Manhã* costumo ir ver uns vídeos que eles vão postando na net, também são bons nisso.” (A.T.)

Os jornais em formato papel chegam a Macau com algum atraso e, em especial os semanários, desatualizam-se rapidamente. As atualizações que são feitas nos respetivos *sites* e nas páginas de Facebook tornam a informação veiculada em suporte físico muito rapidamente obsoleta. Em contrapartida, as redes sociais, além da possibilidade de obter informação atualizada a todo o momento, possibilitam que o uso dos jornais seja feito numa lógica de interação. Como refere S.G., ao mesmo tempo que recebe informação, emite a sua opinião. A informação é recebida através das páginas de Facebook dos jornais, cujas notícias podem ser comentadas e partilhadas com amigos.

“Na hora eu estou a ter informação e ao mesmo a emitir a minha opinião. Eu crio os meus próprios interesses, tenho interesse sobre a parte médica, tenho mesmo uma paginazinha sobre medicina, uma página sobre desporto, uma sobre notícias e opiniões, isto no Facebook, vou colhendo o que me interessa e seleciono os jornais, o desporto, o cinema, a arte, portanto seleciono tudo por páginas, que é muito interessante” (S.G.)

Apesar de procurarem atualizar-se através dos jornais, a própria família e os amigos complementam essa informação. A situação de crise que se vive em Portugal e o aproveitamento sensacionalista que os jornais fazem dela geram em alguns dos imigrantes um desinteresse pela leitura dos jornais. Em alternativa, alguns imigrantes preferem ler blogues, cuja vantagem é esmiuçar a informação e oferecer uma visão mais crítica:

“O meu irmão assina o Público e acaba por me enviar quase todos os dias o jornal para eu ler, mas não costumo abrir. Algo que não gosto de fazer atualmente é ler jornais de Portugal, porque parece-me que não há uma informação isenta. Cada jornal percebe-se qual é a sua direção em termos políticos e económicos e, por isso, prefiro recorrer a um ou dois blogues, que sei qual é o seu cariz político e económico e depois tento confirmar com outras bases mais isentas para perceber mais ou menos o que se passa. São o Corta-Fitas⁶ e o 31 da Armada⁷.” (O.J.)

A par dos jornais, a rádio também é um meio utilizado. Neste caso, o recurso aos *podcasts* é uma das formas. Contudo, como refere G.D., à medida que o tempo de estadia em Macau é maior, menor é a capacidade e o interesse em acompanhar os programas das rádios portuguesas

⁶ <http://corta-fitas.blogs.sapo.pt>

⁷ <http://31daarmada.blogs.sapo.pt>

“Vou à Internet para ver os programas específicos que via em Portugal, como podcasts (...) Ultimamente, já deixei de fazer, mas durante muito tempo tinha o hábito de seguir programas quer de rádio quer de televisão (...) acho que já me distanciei, eu não conheço os novos que vão aparecendo, isso só acontece quando há alguém que me fala em alguma coisa que eu acho graça e vou procurar, mas já não há continuidade entre aquilo que eu ouvia lá e aqui.” (G.D.)

Por último, quanto à televisão, o canal mais visto é a RTP Internacional, onde procuram sobretudo os noticiários. Na TDM também podem ter acesso a parte da programação do canal português. As opiniões quanto à RTP Internacional são maioritariamente negativas e variam entre ter uma programação desadequada a dar uma má imagem do país.

“Eu não gosto [da RTP Internacional]. Para já, ocupa muito tempo com esses programas que não adiantam nada, dão uma imagem retrógrada do país, dão uma ideia boçal muitas vezes das pessoas e podiam mostrar coisas mais interessantes.” (A.N.)

2.3. Nós: a comunidade portuguesa em Macau

Entre os principais adjetivos utilizados pelos imigrantes entrevistados para caracterizar a sua comunidade estão “fechada”, “pequena” e “centrada em si própria”.

“As pessoas vêm de fora, muitos estão em Macau, mas continuam a viver como se vivessem em Portugal. Quer dizer que as pessoas se juntam num gueto, comem a mesma comida, têm as mesmas conversas, veem os desafios de futebol, ouvem a mesma música (...) É uma comunidade que vive dentro de si própria, porque a maioria não comunica em cantonês, a maioria não entra no mundo cultural chinês, porque não é fácil (...) A princípio, as pessoas têm vontade e tentam entrar, mas deparam-se com enormes dificuldades e então a solução é esta: em vez de tentar ultrapassar, as pessoas recolhem-se.” (A.J.)

Como características positivas está o ser “coesa”. Em especial nos primeiros tempos de adaptação a Macau, para alguns imigrantes, o facto de ser uma comunidade pequena é até benéfico:

“A comunidade portuguesa, em geral, do meu ponto de vista, é bastante coesa. Dentro dos diferentes grupos que se formam, tentam um bocadinho manter a sua forma de estar na vida, como eu tinha quando estava de volta em Portugal.” (A.P.)

A comunidade portuguesa sofreu grandes alterações desde 1999 até à atualidade, quer no número de pessoas quer na sua composição. Após a transição grande parte dos imigrantes portugueses regressou a Portugal, o que fez diminuir drasticamente o número de imigrantes

no território e, por consequência, o ambiente da comunidade. A partir de 2002, a abertura ao jogo fez aumentar o custo de vida em Macau, que não foi acompanhado pelo aumento dos salários, refletindo-se também nas dinâmicas sociais dos portugueses. Em contrapartida, a melhoria no nível de vida da comunidade chinesa local fez com que também ela passasse a frequentar locais antigamente apenas ocupados por portugueses. Se no período de administração portuguesa existia uma clivagem entre o nível de vida português e o chinês, hoje essas discrepâncias são mais notórias relativamente às comunidades, normalmente de origem asiática, associadas a atividades menos qualificadas, como a comunidade filipina. A possibilidade de exercer um cargo importante e o acesso a um nível de vida que não possuíam em Portugal continuaram, ainda depois de 1999, a marcar os comportamentos e sentimentos de alguns imigrantes em relação a outras comunidades.

“Depois também há muitos portugueses que estão aqui e que têm uma atitude autoritária, discriminatória em relação aos filipinos, por exemplo. Há vários tipos de comportamentos dos portugueses aqui em Macau. Tem a ver com a formação das pessoas e da oportunidade que se tem de ter dinheiro e do exercício do poder.” (F.C.)

A passagem do governo para mãos chinesas mudou os perfis de qualificações dos imigrantes. Anteriormente a 1999 a comunidade era mais homogénea, com a maioria das pessoas a trabalhar para o governo. A crise económica em Portugal, que se começou a sentir em Macau sensivelmente a partir de 2008, fez com que muitos portugueses regressassem ou escolhessem o território para melhorar as suas condições de vida. Assim, a comunidade está hoje mais diversificada com pessoas a trabalhar em diversas áreas.

“A comunidade portuguesa antes de 1999 estava sobretudo ligada à administração (...) os únicos que trabalhavam na privada eram os advogados. Agora não, temos desde engenheiros, arquitetos, *designers*, há uma série de áreas onde a comunidade portuguesa se está a expandir.” (S.P.)

A maioria dos imigrantes entrevistados procura manter em Macau hábitos culturais que tinha no país de origem. Algumas das festas populares que existem em Portugal são realizadas numa menor dimensão. Um dos exemplos é a festa de São João, realizada no Bairro de São Lázaro, um dos mais antigos de Macau.

“Os Santos Populares ontem. Hoje foi conversa na hora do café lá no emprego, falar dos Santos Populares, a sardinha assada e o cheiro da sardinha assada. São pequeninas coisas que têm a ver connosco e com as nossas raízes.” (P.A.)

A presença portuguesa durante quase 500 anos faz com que muitos elementos culturais portugueses tenham sido replicados em Macau. Desde edifícios às placas com o nome das ruas ou indicações até ao nome dos restaurantes e das lojas, tudo está escrito em português e chinês. Também o facto de a língua portuguesa ser uma das línguas oficiais faz com que seja possível falar apenas português nas instituições públicas. Tudo isto, como referem alguns dos imigrantes entrevistados, permite que vivam em Macau como se estivessem em Portugal.

“Acho que essa é a grande mais-valia de se estar em Macau, porque estando tão longe de Portugal, consegue-se viver um bocadinho de Portugal aqui, verdadeiramente, porque conseguimos estar a falar em português, a ler português, a comer português, a beber português.” (A.D.)

Ainda assim, alguns dos hábitos vão sendo perdidos, porque não é possível mantê-los em Macau. A tentativa de continuar a viver em Macau como se estivessem em Portugal, ao contrário de ser uma forma de facilitar a vida fora do país de origem, para alguns dos imigrantes, só torna a adaptação mais difícil. É o que explica também C.J.:

“Sinto que há um natural distanciamento, porque se a pessoa tentar manter uma grande colagem ou proximidade com a cultura portuguesa, depois morre de saudades e, portanto, para própria sobrevivência, há um distanciamento que se cria, que tentamos nutrir. Isso não tem que ver com uma falta de solidariedade com o que se passe lá.” (C.J.)

2.4. Regresso a Portugal

Os desejos dividem-se quando se fala de um regresso a Portugal, mas em todos os casos o horizonte temporal para um regresso é indefinido. Existem os imigrantes que, sem qualquer hesitação, dizem pretender voltar, mesmo que gostem de viver em Macau e já residam no território há vários anos. G.D., que está em Macau há cerca de 12 anos, diz que se houvesse alternativas viáveis em Portugal, não hesitaria em voltar. Os entrevistados com menos de 30 anos, que chegaram há pouco tempo à região, mesmo que pretendam regressar para estabelecerem a sua vida familiar em Portugal, querem primeiro progredir profissionalmente e experimentar também outros países. O regresso à Europa é uma das alternativas a um regresso a Portugal, tendo como vantagem a proximidade ao país de origem.

“Eu sinto que gostava de voltar a Portugal pelo país e pelas pessoas que lá estão. Em termos profissionais é mais complicado, mas não fecho a porta a ir para um país que esteja mais próximo de Portugal ou que tenha uma cultura mais aproximada à de Portugal. Eu quero voltar a Portugal, mas não sei quando. Não me importo de continuar a ser imigrante noutra país qualquer europeu.” (O.J.)

São sobretudo os que vivem há mais tempo em Macau, que constituíram família no território ou que ali criaram raízes, quem não faz planos a curto ou a longo prazo de regresso a Portugal. Para os mais velhos, com mais de 50 anos, Macau representa uma oportunidade de continuarem a exercer as suas profissões. Alguns veem mesmo Portugal como um país que não lhes oferece quaisquer condições de trabalho, pelo que não têm intenção de regressar.

“[Regressar a Portugal] de férias sim, [em definitivo] não. Eu agora estou aqui, amanhã posso estar na China, sei lá, em África... agora, eu sei que em Portugal não se pode trabalhar, porque eu trabalho em Portugal para pagar impostos, e eu estou farto de pagar impostos e as pessoas cada vez querem mais, em inglês, os chamados *entitlements*, direitos, direito a isto, direito àquilo, basta-me ligar a televisão, fico logo maldispuesto, têm direito àquilo com os meus impostos! Eu não quero mais, já chega!” (A.M.)

As ligações afetivas que estabeleceram com Macau a par das que mantêm com Portugal fazem com que, para alguns, o ideal fosse viver uma parte do tempo num lado e o resto no outro. A solução para o seu dilema estaria precisamente em conseguir esse equilíbrio, o que não é fácil devido às questões profissionais.

“Não, eu quando volto, quer dizer, a ideia é a base ser aqui. A base não é lá, a base é cá. Eu gosto que a base seja cá, isto é um bom sítio geograficamente falando para te movimentares para outros sítios. A nível de qualidade de vida consegue ser melhor, consegues ganhar mais dinheiro, que te permite fazer uma vida cá e lá. Vivendo lá, não conseguia vir cá.” (S.M.)

2.5. Participação na sociedade de acolhimento

Na adaptação à sociedade de acolhimento há a considerar a relação que o imigrante estabelece com a sua própria comunidade e a forma como a vê, o *nós*; mas também a forma como vê a sociedade de acolhimento, quer o país ou a região quer os residentes locais, os *outros*.

2.5.1. Os outros: Macau e os macaenses, os chineses de Macau e os chineses da *Mainland*

A partir de 2002, o impacto do crescimento descontrolado do número de casinos tem vindo a destruir as características arquitetónicas de Macau e a fazer aumentar o número de pessoas que circulam na região, não só visitantes, mas também residentes. O tráfego aumentou e o comércio tradicional tem sido substituído por grandes cadeias de lojas.

“Hoje Macau está a ser tomado por cadeias e não por negócios individuais, os negócios, o pequeno comércio, individual, familiar, tudo isso tem vindo a ser tragado pela força do dinheiro.” (A.N.)

As ilhas da Taipa e de Coloane, tantas vezes descritas nos livros de Enrique de Senna Fernandes⁸, também se alteraram radicalmente. Hoje a Taipa é essencialmente constituída por prédios, mantendo-se apenas o bairro da Taipa Velha, com as casas-museu, onde se pode vislumbrar o que seria Macau há umas décadas. Entre a Taipa e Coloane foi construído um aterro, onde existem agora casinos e hotéis. Mesmo em Coloane, onde ainda se conserva alguma natureza, as diferenças são visíveis mesmo para os que não residem no território há muito tempo, com a construção de bairros para a designada “habitação económica”. Constituídos por prédios gigantescos, estes bairros vieram descaracterizar uma ilha que já foi um pequeno paraíso para os residentes de Macau, em que se podia descongestionar um pouco da claustrofobia do centro da cidade. “Claustrofóbico” é um dos principais adjetivos utilizados para caracterizar o território.

“É claustrofóbico, uma pessoa dá três voltas e está no mesmo sítio. Eu comparo Macau a uma ilha. Sempre ouvi dizer que os ilhéus têm a síndrome da insularidade, eu tenho síndrome da insularidade em Macau.” (C.P.)

A especulação imobiliária é outro dos problemas mais apontados. Especialmente para os imigrantes que não trabalham na função pública e que, deste modo, não têm direito a uma casa atribuída pelo governo, a procura de habitação é um verdadeiro “quebra-cabeças”. Existem poucas casas disponíveis em relativas boas condições e as que existem são arrendadas a valores altos, que sobem, no mínimo, a cada dois anos, período de duração mais normal para cada contrato. Os imigrantes são conseqüentemente obrigados a mudar de casa e a passar pelo mesmo “pesadelo” com uma cadência bianual.

“A especulação está descontrolada. Os preços das casas, os arrendamentos também. As pessoas, coisa que a comunidade portuguesa se queixa também, andam com a casa às costas ao fim de dois anos. Não se fazem arrendamentos suficientemente longos e as pessoas, ao fim de dois anos, vão para o meio da rua, porque a renda que o senhorio lhes propõe é elevada.” (S.H.)

⁸ Entre os seus livros mais conhecidos encontram-se “Amor e dedinhos de Pé” e os “Os Dores”. Ambos descrevem uma Macau anterior aos anos 1950, com histórias que permitem entender um pouco como era a sociedade macaense.

Entre os principais problemas de Macau, A.N., que reside no território desde os anos 1980, acrescenta a inexistência de uma classe média, com reflexos a vários níveis, nomeadamente na falta de uma massa crítica intelectual e na impreparação técnica dos quadros. Isso abre, no entanto, oportunidades aos imigrantes portugueses, que vêm colmatar essas lacunas.

“Os ricos estão bem, cada vez melhor, a classe média cresce muito pouco e aí é o grande problema de Macau, porque nesta medida não lhe cresce massa crítica, gente com preparação técnica, com um grau de cultura que leve a cidade a desenvolver certos aspetos da vida artística, social, etc.” (A.N.)

Quanto ao mais positivo, entre as características mais referidas está o ser uma região “segura” e “fácil”:

“É uma cidade, e muitas vezes tenho ouvido este termo, acho que é o que mais se adequa a Macau, é uma cidade fácil, porque (...) as coisas são perto, os transportes funcionam, e, portanto, é uma cidade que é fácil de se viver, não é perigosa, é uma cidade que a pessoa se sente segura em qualquer sítio, a qualquer hora do dia.” (A.D.)

Os imigrantes entrevistados, de uma maneira geral, não fazem grande diferenciação entre a comunidade macaense e os chineses de Macau. A distinção é feita, sobretudo, em relação aos chineses oriundos da China continental, uma comunidade mais recente em Macau. Embora poucos entrevistados tenham contacto próximo com esta comunidade, para A.J., historiador, a importância da comunidade é grande, pois é parte do património identitário de Macau.

“Temos uma comunidade macaense, que é muito importante, e que faz parte da comunidade cultural de Macau. É uma comunidade que comunga dos aspetos culturais de Portugal, mas também dos aspetos culturais da China, de Macau, da cultura de Macau, que no fundo é uma cultura chinesa. Tem um lado chinês muito forte (...) fala o português, fala o chinês, sobretudo os mais velhos. Já há muitos jovens, sobretudo depois de 1999, que deixaram de aprender e já não falam português. Embora nesta comunidade um grande número esteja na diáspora.” (A.J.)

Na medida em que os relacionamentos que a comunidade macaense estabelece se dão, maioritariamente, dentro da própria comunidade, existe uma ideia de que se trata de uma comunidade “fechada”.

“É um bocado fechada no sentido de haver várias famílias e de elas acabarem por se ligar todas entre elas, mas eu conheço alguns macaenses e dou-me bem com eles e, conhecendo um ou outro, acabas por conhecer o resto da comunidade e o resto das famílias e acabas por ter acesso à comunidade por aí.” (O.J.)

Quanto à comunidade chinesa de Macau, os seus hábitos culturais, desde a comida à forma de vestir, geram estranheza entre a maioria dos entrevistados. Surgem na sua caracterização os adjetivos “pragmática” e “tolerante”, em oposição a posturas mais radicais dos portugueses:

“Dificuldades sentidas no seio familiar são vistas de perspetivas diferentes. O grupo chinês é geralmente mais pragmático, mais tolerante (...) são pessoas que continuam a respeitar os mais velhos, continuam a ter uma enorme tolerância com a tua própria forma de estar (...) Nós, às vezes, temos uma posição mais radical na forma como habitamos o mesmo espaço.” (C.J.)

No entanto, pela forma de agir socialmente existem imigrantes em Macau que a consideram “fechada” em oposição aos portugueses que consideram mais “abertos”.

“A questão é que as outras comunidades são muito mais fechadas do que a portuguesa. A comunidade portuguesa pode convidar para irem a casa, para almoços ou jantares e eles não têm este espírito.” (F.C.)

Nas relações profissionais surge a palavra “submissão” em oposição a uma atitude mais ocidental associada ao mérito.

“Nós damos muita primazia (...) à conquista da consideração (...) eles dão muita importância à relação entre subordinado e chefe. Muito mais submissão.” (C.J.)

A gestão do espaço familiar é outra das diferenças apontadas, a par de valores culturais. Segundo S.H. e A.P., devido aos chineses terem vivido numa sociedade vedada ao capitalismo, hoje cresce um maior desejo consumista e de exteriorização de sinais de riqueza.

“Os chineses têm uma economia familiar diferente, se for preciso vivem muitos numa casa, até conseguirem aforrar o suficiente para comprar outra (...) São pessoas mais modestas e só quando começam a ganhar mais dinheiro é que começam a destacar-se, é que compram os Rolex, mas não é esse o padrão do chinês.” (S.H.)

Os chineses da China continental representam a maior fatia da população e não são particularmente bem aceites pelos imigrantes portugueses entrevistados. Apontam-lhes uma atitude fechada, de quem vem para jogar ou trabalhar nos casinos. Alguns, como S.M., não manifestam qualquer tipo de interesse por esse grupo.

“Apesar de haver muitos chineses da China, não são pessoas com quem eu tenha assim muito interesse em conversar (...) vêm dos campos de arroz para os casinos. Eles não

estão interessados em comunicar e eu também não estou interessada em comunicar com eles. Já conheço, já comuniquei, mas é um pouco padrão.” (S.M.)

3. A importância da língua de acolhimento na integração

“Conhecer a língua do país de acolhimento não é apenas uma condição necessária e indispensável para se ser autónomo, é também, e sobretudo, condição de desenvolvimento pessoal, familiar, cultural e profissional. O seu desconhecimento constitui uma desigualdade que fragiliza as pessoas, tornando-as dependentes e, por consequência, mais vulneráveis.” (Grosso, Tavares, & Tavares, 2008, p. 5)

A principal motivação de um imigrante para aprender a língua de acolhimento é a sobrevivência na sociedade de destino, seguida de um desejo de prosperar social e profissionalmente nela.

No processo de integração, o círculo de relações pessoais que cada imigrante cria é fundamental. A maior ou menor dificuldade em ultrapassar as barreiras culturais dita uma maior aproximação à comunidade portuguesa, às comunidades expatriadas, à comunidade macaense (luso-chinesa) ou a outras comunidades chinesas de Macau ou de cidades vizinhas, como Hong Kong e Zhuhai. A dificuldade em comunicar numa língua comum surge aqui como a principal barreira.

“Eles são mais fechados e como muitos não falam inglês é um entrave (...) tenho alguns amigos, mas quando saio com eles e conheço amigos novos, através deles, eles ficam ‘ah olá, olá, tudo bem?’ mas pronto, está bem, mas é quando falam inglês, mas há muitos que não falam, sabem dizer ‘olá, tudo bem’ e meia dúzia de palavras e pronto não há aquela...” (B.R.)

O fechamento na comunidade portuguesa a par do mesmo sentimento em relação à comunidade chinesa local dá-se devido ao desconhecimento da principal língua de acolhimento, o cantonês. A barreira linguística é o principal fator que os entrevistados identificam como entrave à integração na sociedade macaense. S.H. esclarece que não se sente imigrante porque se identifica com Macau, o que constitui um dos fatores essenciais na integração, mas que o facto de não saber falar cantonês limita-lhe essa integração:

“[Não me sinto imigrante], o que eu sinto é que conheço mal Macau, porque não falo a língua. O que eu digo é que este espaço, que é de um tamanho para nós, é muito maior para os chineses (...) O conhecimento da língua é fundamental na integração. Eu conheço mal Macau e hei de acabar o meu tempo de Macau conhecendo-a mal por

culpa minha. As possibilidades são o que são, mas o conhecimento da língua é fundamental.” (S.H.)

Hoje, muito mais do que nos anos anteriores a 1999, a língua é um entrave também no emprego. Não só cada vez mais o português está a ser substituído pelo mandarim como nos serviços há cada vez menos pessoas a saber falar português.

“O trabalho é fundamental, ninguém se aguenta muito tempo aqui sem trabalho (...) contrariamente ao que acontecia há trinta anos, é o problema da língua, porque nessa altura a administração funcionava em português, era uma questão de tempo, as pessoas iam arranjando isto ou aquilo, iam conhecendo gente, iam mostrando o que sabiam e depois iam-se encaixando. Hoje a administração funciona fundamentalmente em chinês, cantonense.” (A.N.)

G.H. - o único entrevistado que nasceu em Macau, que possui raízes portuguesas e chinesas, que viveu 18 anos em Macau e depois 12 anos em Portugal, tendo regressado há pouco tempo a Macau - é o único que sabe falar cantonês. Sabendo falar a principal língua de acolhimento e conhecendo os hábitos culturais de Macau, tem acesso a toda a sociedade; sabendo falar português e movimentando-se perfeitamente na cultura portuguesa, identifica-se também com a comunidade portuguesa. Apresenta-se como uma “cobra de duas cabeças”:

“Acho que o facto de ser daqui e de falar cantonense já é à partida uma grande ajuda, porque não preciso de pedir ajuda a ninguém para fazer compras ou para comer (...) Esta aqui é a minha terra, se bem que também nunca me senti imigrante em Portugal, porque para todos os efeitos, eu sou português, não é? É uma das vantagens de ser macaense de nacionalidade portuguesa (...) Eu sou uma espécie de cobra de duas cabeças!” (G.H.)

No círculo social dos imigrantes entrevistados encontram-se outros portugueses: indivíduos de outras nacionalidades, ou seja, imigrantes pertencentes ao circuito mais alargado da comunidade expatriada de Macau, chineses de Macau, de Hong Kong e da China continental e, ainda, macaenses (indivíduos que pertencem à comunidade luso-asiática).

Nestas relações sociais, o desconhecimento de línguas surge, mais uma vez, como uma limitação. Na maioria dos casos, o acesso a um meio social mais vasto dentro de Macau é limitado porque praticamente ninguém na nossa amostra sabe falar bem cantonês. Apesar de, através do uso do inglês, o estabelecimento dessas relações ser possível, não é suficiente. O desconhecimento da principal língua falada em Macau veda-lhes o acesso a elementos culturais que só sabendo a língua poderiam perceber. Mais do que isto, para quem sabe falar

cantonês, quem vive em Macau e não conhece a língua de acolhimento é visto como não fazendo parte da sociedade local. Já os que sabem são mais bem aceites.

“O cantonês que eu falo, embora eu conheça as abreviaturas e o calão, certamente não serei uma macaense ou uma chinesa a falar chinês, por muito boa pronúncia que possa ter. Portanto, há ali uma certa forma de estar, que também poderá acontecer com um estrangeiro em Portugal, que nós sentimos que não é uma local a falar a língua (...) há uma série de práticas e de tradições que eu não conheço e que não incorporo e, aquelas que conheço, conheço a um nível superficial.” (C.J.)

C.J. é das poucas pessoas a saber falar minimamente a língua. Não obstante, tal como esclarece, o saber falar a língua não basta para ser identificada como uma local e para ela própria se identificar como local. Seria necessário conhecer também os gestos, a entoação, as expressões características que um chinês de Macau utiliza quando fala. São estas especificidades, que Edwards (2009, p. 28) identifica como níveis mais profundos da comunicação numa língua estrangeira, que se encontram fechados a quem ainda está a aprendê-la. Tal não quer dizer necessariamente que a língua seja um elemento de exclusão, já que é possível aprender cantonês tal como é possível aprender a falar qualquer língua. No entanto, é necessário tempo e motivação:

“A língua não é um instrumento de exclusão: teoricamente qualquer pessoa pode aprender qualquer língua. Pelo contrário é fundamentalmente inclusiva, apenas limitada pela fatalidade de Babel: ninguém vive tempo suficiente para aprender *todas* as línguas (...) Embora todas as línguas possam ser adquiridas, a sua aquisição exige uma verdadeira porção da vida de uma pessoa: cada nova conquista é medida contra cada vez menos dias. O que limita o acesso que temos a outras línguas não é a sua impenetrabilidade, mas, sim, a nossa própria mortalidade. Daí que haja um certo carácter privado em todas as línguas.” (Anderson, 1991, pp. 176, 197 e 201)

Assim, a questão está em saber até que ponto existe um interesse na aprendizagem do cantonês, ou seja, motivação, e se quem quer aprender está disposto a despende o tempo necessário a esse empreendimento. A motivação para a aprendizagem da língua parte do desejo de conhecer melhor essa cultura, os tais elementos privados, e de um desejo de identificação, de imitação dos naturais da região.

“O primeiro reflexo não é o de mostrar a sua diferença, mas o de passar despercebido. O sonho secreto da maior parte dos migrantes é o de serem tomados por naturais do país. A sua tentação inicial é a de imitar os seus hospedeiros e, algumas vezes, os imigrantes têm sucesso. O mais das vezes, não o conseguem. Não têm o sotaque certo, ...” (Maalouf, 1998, p. 50)

Este desejo de imitação que Maalouf refere não é comum nos imigrantes entrevistados. Ninguém revelou essa pretensão. As razões poderão estar numa falta de identificação com a cultura chinesa e com a certeza de que, por melhor que conseguissem falar cantonês, quer as origens étnicas quer o sotaque os denunciaria. Ainda assim, por saberem falar, a forma como julgam que a comunidade local os vê é mais integrativa, como refere C.J.:

“Aprecio, admiro, mas não me identifico com a cultura chinesa. Relaciono-me quase da mesma forma como me relacionaria com amigos portugueses. E eu digo quase, porque necessariamente estou a falar numa língua diferente. Com os macaenses, tento falar em cantonense até ao nível do cantonense que posso, portanto acaba por ser uma conversa meio-meio, inglês e cantonense. Se calhar olham-me de uma forma mais integrativa, como se eu, de alguma forma, fizesse parte daquele núcleo, não é, ou me identificasse com aquele núcleo.” (C.J.)

Saber falar cantonês seria um meio de poder abranger um maior leque de possibilidades dentro das relações sociais, de poder comunicar e de poder entender o mundo em redor. Como diz Bourdieu (1991), o processo de aquisição do *habitus* cultural pode ser lento e tem implicações no entendimento de aspetos mais profundos da língua. O conhecimento da língua e da cultura caminham lado e lado e só percebendo perfeitamente uma se pode compreender perfeitamente outra.

“Eu estou neste mundo e eu gostava de alargar só um bocadinho os meus limites, cada milímetro é uma conquista. É mais nessa perspetiva que quero aprender, porque eu nunca vou ser uma advogada em mandarim nem em cantonês.” (F.I.)

O que se verifica entre os entrevistados é que, quanto menor é a sua identificação com a cultura de destino, menor é o seu desejo de interação com a comunidade local. Para interagir com a comunidade local e conhecê-la é preciso saber falar cantonês. É quase um ciclo vicioso porque por não saberem a língua não têm acesso a outros elementos da cultura chinesa de Macau e o julgamento - ou a impressão - com que ficam à partida pode estar completamente condicionado pela impossibilidade de conhecê-la melhor devido ao desconhecimento da língua. Daí que a perceção que têm do *outro*, chineses e macaenses, descrita atrás, possa estar toldada pelo desconhecimento da língua de acolhimento.

“Essa é uma questão que eu coloco mesmo a mim própria. Se eu tivesse aprendido o cantonês, teria entrado muito mais na cultura local (...) Mas o cantonês achei mais difícil, tinha mais sons, era mais complicado (...) Mas eu penso que perdemos um pouco pelo facto de não falarmos a língua, tenho pena, mas as circunstâncias assim o fizeram, a nossa vontade também.” (P.A.)

P.A. reside em Macau desde o início dos anos 1990 e nunca aprendeu cantonês. O fechamento dentro da comunidade portuguesa foi uma consequência, agravada pelas diferenças culturais sentidas. Para quem não sabe cantonês, além da barreira linguística, a principal barreira à convivência com chineses é a cultural, a dificuldade em ultrapassar as diferenças ou mesmo o não querer ultrapassá-las, por falta de identificação ou rejeição de hábitos culturais que julgam demasiado diferentes. Estes poderiam revelar-se não tão diferentes se, através do conhecimento do cantonês, se investisse um pouco mais em perceber as diferenças. É o que explica A.P., fazendo um paralelismo com a sua experiência em Barcelona:

“Acho que é extremamente importante e positivo para uma pessoa ter capacidade de dialogar em mandarim ou em cantonês, isso abriria muitas portas. Fazendo um paralelismo com a minha experiência em Espanha, assim que eu comecei a falar um bocadinho o Catalão, comecei a conhecer um bocadinho melhor as pessoas e a cultura catalã (...) Aqui em Macau acho que seria exatamente a mesma coisa. Se conseguisse dialogar com as pessoas (...) provavelmente essa barreira era quebrada ou pelo menos conseguíamos comunicar e perceber onde é que temos as nossas diferenças para poder ter um meio-termo de comunicação.” (A.P.)

A ideia de as comunidades chinesa e macaense serem fechadas aparece nesta sequência. Pelo facto de não existir uma possibilidade de comunicação, os portugueses sentem uma espécie de rejeição por parte da comunidade local. Quando quebrada a barreira linguística, as barreiras e diferenças culturais atenuam-se. É o que diz G.D., a viver em Macau há cerca de 12 anos.

“Existem grandes diferenças que fazem com que não, com que não seja tão fácil ter amigos chineses. Aprender cantonense ou aprender mandarim seria sempre uma forma útil de aproximação à comunidade chinesa e todas as pessoas que eu conheço que fazem esse esforço e que falam alguma coisa ou que falam mesmo mandarim ou cantonense têm muitos amigos chineses.” (G.D.)

A própria ideia de que são comunidades fechadas parece estranha a alguns dos entrevistados, já que a própria comunidade macaense resulta de um cruzamento entre portugueses ou luso-descendentes e asiáticos.

“Tenho a noção de genericamente eles serem acusados de serem uma comunidade fechada sobre si mesma, mas não faz sentido, porque eles são o exemplo de uma comunidade que cruza, portanto têm maior facilidade com a comunidade chinesa, nomeadamente por causa da língua e também de contacto com a comunidade portuguesa, também por causa da língua. Portanto, acho estranho pensar que eles sejam fechados.” (G.J.)

E é estranha também, porque ainda existem muitos macaenses que sabem falar português. De facto, a língua parece mesmo ser o principal entrave. Nos casos em que, mesmo que os portugueses não saibam falar cantonês, os chineses consigam falar português, os contactos sociais menos superficiais são possíveis e as distâncias culturais encurtam-se:

“Eu estou numa situação privilegiada. Primeiro, conheço muitas pessoas da comunidade chinesa, conheço-os há muitos anos, porque uns foram meus alunos, outros são meus colegas, ou foram meus colegas. Portanto, eu sinto que de facto nesse aspeto sou privilegiada, porque tenho amigos chineses. Posso sair, ir a casa deles, posso telefonar, dizer «olha ajuda-me nisto ou naquilo» (...) São tudo conhecimentos de há dez, de há 20, de há 30 anos, em que a língua de comunicação é o português. Logo aí há essa relação.” (G.M.)

As interações com macaenses e chineses são possíveis, mesmo que se deem em inglês ou português. As diferenças fundamentais entre serem em cantonês, ou não, são: o acesso a um número muito menor de pessoas, pois apenas cerca de 40 por cento da população de Macau fala inglês e apenas cerca de dois por cento fala português; e o grau de integração na sociedade de acolhimento que se consegue atingir não sabendo a língua, já que o conhecimento da língua e da cultura caminham lado a lado.

Para A.J., que reside em Macau desde 1960 e que sabe falar um pouco de cantonês, a identificação com a comunidade portuguesa existente atualmente em Macau é até mais difícil, não devido à língua, mas aos hábitos culturais. Muitos dos portugueses que conhecia e que, como ele, residiam em Macau há muitos anos, regressaram, entretanto, a Portugal e hoje acaba por preferir o contacto com chineses. Sublinha a diferença que falar ou não cantonês faz no seu dia-a-dia.

“[Falando cantonês] a diferença é muito grande, porque eu tenho acesso a um mundo que doutro modo não teria acesso. Eu tenho informação direta, eu falo, eu comunico. Através da língua e da comunicação, nós sentimos os afetos, sentimos o carácter das pessoas e as pessoas têm uma atitude diferente (...) eu às vezes entro num sítio e não falo a língua, quero, deixo-me passar por estrangeiro, mas a dada altura eu começo a falar e o comportamento muda imediatamente, as pessoas são muito mais abertas, hospitaleiras, francas.” (A.J.)

De todos os entrevistados apenas B.M. investiu de facto nessa verdadeira empreitada de aprender chinês e hoje possui conhecimentos razoáveis (segundo o próprio) de mandarim. À exceção de B.M. e de quem aprendeu uma das línguas na infância e na adolescência, todos

acabaram por desistir da aprendizagem do mandarim ou do cantonês em algum momento, mesmo que a intenção seja a de retomarem. Entre os principais motivos para a desistência está o tempo que é necessário investir neste empreendimento: muito tempo despendido para poucos resultados. Como explica G.M., professora e investigadora na área do Português Língua Estrangeira:

“Nós devemos aprender sempre uma língua com rapidez, com eficiência. Há um fator muito importante, que as pessoas geralmente falam, mas não dão a importância devida, que é o fator tempo. Quando nós temos tempo e motivação, conseguimos aprender nem que seja chinês arcaico. Agora, quando não temos esses dois elementos, claro que é muito difícil. O meu problema é que tenho motivação, mas de facto até hoje não houve tempo.” (G.M.)

O serem línguas muito diferentes do português e consideradas muito difíceis faz com que a sua aprendizagem exija muita motivação. Especialmente para quem tenta aprender o mandarim, a impossibilidade de praticá-lo no dia-a-dia é outro motivo para a desistência. Muitos dos entrevistados arrependem-se de não ter aprendido. Quem tem contratos de dois anos e, mesmo querendo ficar em Macau, vê o seu regresso poder acontecer a qualquer momento, não se lança nesta caminhada logo desde início. Mas à medida que os contratos se vão renovando e criam uma situação estável em Macau, dois anos acabam por se transformar em quatro, dezasseis, vinte anos, como em alguns casos.

B.M. recorreu a muitas horas de aulas particulares, mas o fundamental na sua aprendizagem foi a sua motivação, ou seja, o gosto pela língua, o desejo de poder comunicar sem qualquer ajuda na China e o ter encontrado neste desafio uma forma de vencer a solidão sentida nos primeiros tempos de vida em Macau.

“Foi uma maneira de passar o tempo, porque eu estou aqui sozinho. (...) Não foi com objetivos profissionais, embora ajude bastante (...) Se estivesse na China e ouvisse mandarim o dia inteiro, o meu mandarim seria muito bom neste momento. O meu mandarim é razoável, chega perfeitamente para Macau.” (B.M.)

Entre as estratégias utilizadas por B.M. na aprendizagem está a visualização de telenovelas em mandarim, embora só resultando porque já possuía um conhecimento de mandarim que lhe permitia entender suficientemente o conteúdo e porque foi acompanhado por uma professora.

Apesar de o tempo, a dificuldade das línguas e a motivação serem apontados como as principais razões para que os imigrantes portugueses não aprendam umas das línguas de

acolhimento, verificámos que a principal razão não é essa. Como aconteceu com B.M., existindo motivação, o tempo é organizado para que a aprendizagem se torne uma prioridade. Mas uma das principais motivações para a aprendizagem da língua é a sobrevivência na sociedade de destino e o que constatámos é que todos os imigrantes se sentem integrados, mesmo não falando as línguas de acolhimento. Para os portugueses, não é necessário falar cantonês para sobreviver em Macau. É possível viver e trabalhar em Macau sem utilizar qualquer das línguas, devido à existência de uma infraestrutura que ainda funciona em português.

“Eu acho que aqui consegue-se muito bem passar sem falar o cantonês e o mandarim. Dá jeito, mas consegue-se, muito bem, fazer uma vida inteira aqui sem falar (...) as coisas tendencialmente mudarão, mas não a curto prazo, porque ainda estamos nos 50 anos de transição e, portanto, durante mais 37 ou 38 anos terás acesso a toda a informação quer a nível de leis, jornais e turismo, terás acesso a toda essa informação em português e, portanto, acabas por não sentir tanto essa necessidade de aprender a língua.” (A.D.)

Estes resultados estão em linha com o que verificou Amaro (2014) na sua investigação. Diz a investigadora que, por um lado, existe a ideia, entre os seus entrevistados, de que aprender cantonês é desnecessário porque usam o inglês para interagir com a comunidade chinesa. Por outro lado, existe a noção de que, se soubessem falar cantonês, teriam um maior sentimento de integração na sociedade de Macau. Aqueles que não aprenderam a língua apontam como razão a língua ser difícil e a sua aquisição exigir tempo e dedicação. O facto de referirem que é uma “perda de tempo” sugere, segundo a autora, não apenas a dificuldade em aprender a língua, mas também a perceção generalizada de que o cantonês não é essencial para atingir o que chama de nível funcional de integração.

A questão está em perceber como é possível que os imigrantes portugueses atinjam um certo grau de integração e, mais do que isso, se de facto se podem considerar integrados. Para tal, teremos de esclarecer certas particularidades do contexto de Macau e do que entendemos por integração. Nesta investigação adotámos a definição de Berry & Sam (2006) em que, para que se possa dizer que a integração é a estratégia de aculturação adotada pelo imigrante, este tem de demonstrar um interesse pela afirmação dos valores das duas dimensões culturais da sua identidade, a cultura originária e a de acolhimento.

Quanto à língua, da análise à situação profissional dos imigrantes portugueses e ao mercado de trabalho de Macau, verificamos que na nossa amostra existem muitos elementos que trabalham para a função pública onde falam português, alguns são professores e falam

português ou inglês nas suas aulas, outros trabalham para empresas em que o inglês é a língua de comunicação, como casinos ou *ateliers* de arquitetura, ou então trabalham para outros portugueses. Assim, a própria conjuntura relativa a emprego a par das elevadas qualificações dos imigrantes portugueses, que em muitos casos não são substituíveis por um local, permite-lhes não ter de saber a língua de acolhimento para conseguir um emprego - e o ter emprego é uma das principais condições para a inserção ativa na sociedade e para se ser reconhecido por esta.

Recorrendo a Bourdieu (1991), no caso da comunidade portuguesa, a parte do capital linguístico que se refere especificamente ao conhecimento do cantonês não se revelou importante na aquisição de um capital de distinção. No entanto, no meio social e profissional em que circulam, a forma como falam, o traquejo e a capacidade de adequarem o vocabulário aos contextos é, tal como em qualquer classe - indivíduos que ocupam funções similares no espaço social, que possuem as mesmas oportunidades na vida -, importante para assegurar capital de distinção. O que acontece é que no seio da sociedade de Macau em sentido lato, a prosperidade destes imigrantes está muito mais relacionada com a posse de um *capital de conhecimento*, ou seja, qualificações elevadas e diferenciadas. É este o fator que os distingue e lhes permite ocupar um lugar, ter um papel importante em Macau, e assim sentirem que lhe pertencem, não só porque têm uma participação cívica, mas também porque são reconhecidos pela posse desse capital de distinção.

Lista de entrevistados por ordem alfabética

A.D., mulher, 31 anos. Desde 2013 em Macau. Jurista.

A.I., homem, 28 anos. Desde 2013 em Macau. *Disc Jockey*.

A.J., homem, 61 anos. Desde 1959 em Macau, saiu em 1970, regressou em 1982, saiu em 1999 e regressou em 2004. Professor universitário na área de História.

A.M., homem, 55 anos. Desde 2009 em Macau. Médico.

A.N., mulher, 68 anos. Desde 1982 em Macau. Advogada.

A.P., homem, 26 anos. Desde 2012. Gestor de “*Food and Beverage*” num hotel.

A.T., homem, 28 anos. Desde 1985 em Macau, saiu em 1996 e voltou em 2012.
Licenciado em Design, desempregado.

B.M., homem, 37 anos. Desde 2007 em Macau. Advogado.

B.R., mulher, 27 anos. Desde 2013 em Macau. Gestora de produto.

C.J., mulher, 30 anos. Desde 1983 em Macau, saiu em 2000 e regressou em 2004. Advogada.

C.M., mulher, 48 anos. Desde 2012 em Macau. Arquiteta.

C.P., mulher, 53 anos. Desde 1999 em Macau. Jurista e professora universitária.

E.D., homem, 41 anos. Desde 2003 em Macau. Jurista.

F.C., mulher, 42 anos. Desde 1991 em Macau, saiu em 1999 e regressou em 2002. Jurista.

F.I., mulher, 36 anos. Desde 2013 em Macau. Advogada e docente universitária.

G.D., mulher, 37 anos, Desde 2002 em Macau. Advogada.

G.H., homem, 31 anos. Nasceu em Macau, saiu em 1999 e regressou em 2013. Licenciado em Relações Internacionais, desempregado.

G.J., homem, 44 anos. Desde 2007 em Macau, saiu em 2008 e regressou em 2012. Jurista.

G.M., mulher, 59 anos. Desde 1989 em Macau, saiu em 1999 e regressou em 2012. Professora universitária na área de língua portuguesa.

O.J., homem, 30 anos. Desde 2010 em Macau. Advogado.

P.A., mulher, 48 anos. Desde 1993 em Macau. Economista.

P.C., homem, 40 anos. Desde 2003 em Macau, saiu em 2008 e voltou em 2013.
Jornalista.

S.G., homem, 59 anos. Desde 1995 em Macau, saiu em 1999 e voltou em 2012.
Licenciado em medicina, desempregado.

S.H., homem, 56 anos. Desde 1982 em Macau. Advogado.

S.M., mulher, 26 anos. Desde 2004 em Macau, saiu em 2010 e regressou em 2012. Gestora de conteúdos.

S.P., homem, 42 anos. Desde 1994 em Macau. Jurista.

Referências bibliográficas

- Amaro, V. (2014). "We", "They" and the Spaces In-Between: Hybridity in Intercultural Interactions between Portuguese and Chinese Residents in Macau. *Multilingua*.
- Anderson, B. (1991). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.
- Berry, J. W. (2001). A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57, pp. 615-631.
- Berry, J. W. (2008). Globalisation and Acculturation. *International journal of intercultural relations*, 32, pp. 328-226.
- Berry, J. W., & Sam, D. (2006). Contexts of acculturation. Em S. & Berry, *Theories, Concepts and Methods* (pp. 27-42).
- Bourdieu, P. (1991). *Language & symbolic power*. (J. Thompson, Ed.) Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Carvalho, J. R. (2008). *Do Bidonville ao Arrastão: Média, Minorias e Etnicização*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Edwards, J. (2009). *Language and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Georgiou, M. (2005). Diasporic Media Across Europe: Multicultural Societies and the Universalism–Particularism Continuum. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, pp. 481-498.
- Grosso, M. J., Tavares, A., & Tavares, M. (2008). *O Português para Falantes de Outras Línguas. O utilizador elementar no país de acolhimento*. Lisboa: Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Katz, E., & Blumler, J. G. (1974). *The uses of mass communication*. Newbury Park.
- Katz, E., Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (Inverno de 1974). Uses and Gratifications Research. *The Public Opinion Quarterly*, 37, pp. 509-523.
- Maalouf, A. (1998). *As Identidades Assassinas*. Lisboa: Difel.

